

Karina de Lamare Leitzke

Adaptação e inserção escolar: uma pesquisa com crianças

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de grau: Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Carmen
Silveira Barbosa**

Porto Alegre
1º semestre
2015

RESUMO

Este trabalho tratou da temática da Educação Infantil, mais especificamente, da adaptação escolar. Contudo, este assunto sob a óptica das crianças, será o foco principal. E, como questão que foi levantada nesta pesquisa, verificar a visão das próprias crianças a respeito deste processo denominado adaptação escolar. Ao tratarmos da adaptação escolar, é sabido que, este processo envolve não somente as crianças, mas também os pais e a própria instituição. No entanto, muitos dos referenciais encontrados são provenientes de relatos e vivências de professores, ou seja, dos adultos. Mas, o que pensam as crianças sobre este momento? Como objetivo geral deste estudo pretendo averiguar a percepção das crianças acerca da adaptação escolar. Assim como, aprofundar as referências da bibliografia sobre o assunto, constatando se estes achados condizem com os resultados das impressões dos alunos. Por último, demonstrar a visão das crianças envolvidas direta e indiretamente neste processo. A instituição escolhida foi uma escola particular de Educação Infantil e Anos Iniciais localizada na cidade de Porto Alegre. A turma escolhida foi a última etapa da Educação Infantil, com alunos entre 5 e 6 anos de idade. Não foi possível ouvir a todos, pois o tempo para coleta e análise dos dados é reduzido. Portanto, dois alunos serão entrevistados, individualmente, e dez alunos farão parte de rodas de conversa, onde os tópicos que foram discutidos abordaram a adaptação de cada um, além dos sentimentos e postura diante dos colegas novos, os quais estão vivenciando o momento. Tendo em vista alguns autores, o termo adaptação escolar foi substituído, ao longo do processo de estudo, pelo termo inserção, no presente estudo, considerando o papel e as relações estabelecidas entre a criança e a instituição escolar. Dentre os teóricos citados a fim de embasar tal investigação, em se tratando da adaptação e/ou inserção escolar, trouxe Rapoport, Piccinini (2001) e Reis (2013) para dissertar sob o ponto de vista teórico do tema. Já a respeito das pesquisas realizadas com crianças, Muller (2006), Demartini (2002) e Rocha (2008) enfatizaram a importância de escutá-las, reconhecendo-as como agentes sociais. Neste estudo, as crianças ouvidas puderam falar de suas experiências dentro da temática da inserção escolar, a partir de diversos aspectos. Pude considerar que para as mesmas o processo em pauta é comum, algo “normal”, mas que passa e se resolve em si mesmo. De maneira geral, elas dissertaram acerca do assunto, citando certos sentimentos como vergonha e timidez, abordaram a solidariedade como algo mais marcante e determinante. Cabe acrescentar o quanto foi fundamental realizar-se pesquisa com crianças, com o intuito de estabelecer ações institucionais no sentido de facilitar este processo e/ou amenizar impressões negativas a partir do olhar infantil, sob uma outra perspectiva que não a do adulto.

Palavras-chave: Adaptação escolar. Educação Infantil. Pesquisa com crianças.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1. Adaptação sob o ponto de vista teórico	06
2. Adaptação sob o ponto de vista das crianças	12
2.1 O local da pesquisa.....	12
2.2 As turmas escolhidas.....	13
2.3 Os sujeitos-crianças.....	14
2.4 Os encontros e os/as alunos/as.....	14
2.5 Os assuntos abordados.....	15
3. A fala das crianças	18
3.1 Entre choros, medos e vergonha.....	18
3.2 Solidariedade e relações de amizade.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE 1	30
APÊNDICE 2	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho tratou da temática da Educação Infantil, mais especificamente, do ingresso das crianças à escola. Contudo, este assunto sob a óptica das crianças, foi o foco principal. E, como questão levantada nesta pesquisa, verificar se a compreensão, das próprias crianças a respeito deste processo, coincide com aquilo que, nós adultos, temos formulado sobre o tema.

O fato de eu ser professora da Educação Infantil, e já ter participado de diversas situações de adaptação e/ou inserção escolar, me fizeram pensar e considerar tal assunto como objeto de estudo da minha pesquisa. Por se tratar de algo importante na escola, na vida das crianças e das famílias, este momento mobiliza a todos e, durante este período, alunos, educadores e rotina educacional acabam por se adaptar/transformar/repensar/readequar também.

Ao tratarmos da temática da adaptação e/ou inserção escolar, é sabido que, este processo envolve não somente as crianças, mas também os pais e a própria instituição. No entanto, muitos dos referenciais encontrados são provenientes de pesquisas realizadas a partir de relatos e vivências de professores. Mas, o que pensam as crianças sobre este momento? Poucos estudos trazem a opinião dos alunos a respeito de temáticas educacionais. Este assunto vem sendo tratado do ponto de vista acadêmico, onde alguns elementos são considerados, tais como: a função do educador durante a adaptação escolar ou como lidar com os pais no desenrolar deste processo, contudo as impressões dos sujeitos-crianças dentro desta perspectiva, não foram investigadas.

Como objetivo geral deste estudo pretendi averiguar a percepção das crianças acerca do período de ingresso na escola. Aprofundando as referências da bibliografia sobre o assunto, constatando se estes achados condizem com os resultados das impressões dos alunos, assim como a visão das crianças envolvidas direta e indiretamente neste processo, colaborando com os processos de organização da escola para receber os novos alunos. Além disso, demonstrar o quanto a adaptação demanda a um determinado grupo escolar e de que forma a instituição em questão lida com esta etapa inicial da escolarização de alguns dos seus alunos.

A instituição escolhida para esta pesquisa foi uma escola particular de Educação Infantil e dos Anos Iniciais localizada na cidade de Porto Alegre, espaço este em que trabalho como professora. Por se tratar de um estudo que abordou a linguagem oral das crianças, a turma escolhida compreendeu a última etapa da Educação Infantil, com alunos entre 5 e 6 anos de idade. Não sendo possível ouvir a todos, pois o tempo para coleta e análise dos dados foi reduzido. Portanto, dois alunos foram entrevistados e dez alunos fizeram parte de rodas de conversa, a partir de alguns encontros.

Por último, este trabalho apresentou uma reflexão acerca dos resultados obtidos, com uma análise baseada em referenciais bibliográficos e algumas considerações finais. É importante acrescentar que, tendo em vista alguns autores, o termo adaptação escolar foi substituído pelo termo inserção, considerando o papel e as relações estabelecidas entre a criança e a instituição escolar, conceitos estes abordados ao longo do corpo do trabalho.

Dentre os teóricos citados nesta pesquisa a fim de embasar a mesma, em se tratando da adaptação e/ou inserção escolar trouxe Rapoport, Piccinini e Reis para dissertar sob o ponto de vista teórico do tema. Já a respeito das pesquisas realizadas com crianças, Muller, Demartini e Rocha para enfatizar a importância de escutá-las, reconhecendo-as como agentes sociais.

1. Adaptação sob o ponto de vista teórico

Embora muitos autores reconheçam a importância dos primeiros dias na escola e admitam a necessidade de se organizarem atividades especiais neste período inicial, designado como período de adaptação, não existe consenso quanto à definição do termo adaptação nem quanto à caracterização deste período. Segundo Rapoport (2001), alguns estudos têm mostrado que tanto as mães como as educadoras descrevem as primeiras semanas como altamente estressantes para os “pequenos”. O ambiente desconhecido, a nova rotina, a alimentação e as pessoas não familiares criam necessidades emocionais e sociais, principalmente, para as crianças pequenas. Porém, a adaptação, muitas vezes, é difícil não só para a criança, mas também para a família, para as professoras e educadores, pois implica em reorganizações e transformações. Estas, por sua vez, demandam mudanças no planejamento didático-pedagógico, assim como no fazer diário em uma rotina previamente pensada.

O processo de adaptação não se resume aos primeiros dias, uma vez que pode durar semanas e até mesmo meses. Faltas frequentes por parte das crianças ou irregularidades nos horários de entrada e saída dificultam o processo. Existem muitos outros fatores, por vezes pouco estudados, que interferem nas reações e, conseqüentemente na adaptação. Entre eles podemos destacar sentimentos dos pais sobre o ingresso do filho na instituição, a idade e temperamento da criança e a qualidade do atendimento na creche ou escola. Na maioria das vezes, estes fatores relacionam-se entre si sendo difícil examinar o papel específico de cada um no processo. Na verdade, de acordo com Rapoport (2001), em função da complexidade do processo, ainda não se tem um modelo explicativo amplamente aceito que contemple pelo menos os principais fatores e, principalmente, a interação entre eles.

De acordo com a nomenclatura correta, baseada nos conceitos aqui referidos, Reis (2013) afirma que a palavra *inserção* vem sendo utilizada para substituir, no mundo acadêmico, e também nas Instituições de Educação Infantil, o que durante muito tempo se chamou de *adaptação* (o período/processo de entrada das crianças nas instituições). Contudo, é possível perceber que a ideia de adaptação está diretamente ligada à de adequação, de alteração do próprio indivíduo para tornar-se

apto a fazer parte de um grupo. No caso de inserção, a definição mais adequada é “incluir-se”, deixando claro, neste caso, que a palavra inserção traz para este processo a ideia de que a pessoa também age na situação vivida, também transforma o entorno, à medida que é transformada. Por isso, ao tratarmos este processo de inserção da criança na instituição escolar, consideramos ações provenientes de ambos os lados, com “adaptações” da escola, do/a aluno/a e da família.

Neste exercício reflexivo, a autora buscou não só definir inserção, contrapondo ao conceito de adaptação, mas também apropriou-se deste novo significado para um processo tão desafiante e global, que envolve a todos, os tornando assim responsáveis pelo seu êxito. Desta forma, a criança é sujeito de sua inserção no meio escolar e as mudanças necessárias necessitam ocorrer por parte dos adultos também. Além disso, Reis menciona que

“O processo de inserção não é positivo ou negativo em si mesmo e que é preciso ter sensibilidade para compreender como cada criança vivencia este momento, acompanhando-as e auxiliando-as quando for necessário. Que muitas vezes no diálogo com o outro não encontraremos a resposta à nossa pergunta, mas encontraremos muitas outras perguntas que nos farão caminhar muito mais ainda. Que nos encontros dialógicos entre crianças e adultos ambos saem profundamente transformados.” REIS (2013, p. 15).

Sendo assim, o termo adaptação, que significa acomodação, ajustamento ou aceitação a uma determinada situação não combina com Educação, por isso, inserção, é o que traduz e representa este momento. Por ser, geralmente, a primeira experiência em termos de separação da família para as crianças, as propostas educacionais devem incluir uma inserção gradual das mesmas, respeitando suas exigências e a de seus pais, permitindo que o professor conheça individualmente os novos alunos junto a suas respectivas famílias, que ali ingressam, até alcançar o tempo de permanência desejado. Ajudar as crianças a formarem pares de amigos e trocas sociais, também é papel do educador diante desta situação. Além disso, é interessante que o professor saiba de algumas particularidades da vida da criança a fim de facilitar a criação de um vínculo entre professor-aluno.

Dentre as reações manifestadas na inserção, o choro tende a ser a mais

comum entre crianças durante este período, especialmente na chegada quando a criança é deixada pelos pais, assim como na saída, quando os pais retornam para buscá-la. Rapoport relata que

“...o choro não é a única reação de perturbação possível por parte da criança. Gritos, mau humor, bater, deitar no chão, passividade, apatia, resistência à alimentação ou ao sono, comportamentos regressivos e a ocorrência de doenças também são indicadores freqüentes de dificuldades na adaptação... vários outros momentos e eventos são particularmente estressantes, como por exemplo a hora de comer, dormir, troca de fraldas ou ida ao banheiro, mudanças de horário e hábitos, mudança de ambiente, ser cuidado por adultos desconhecidos, e brincar com crianças desconhecidas.” RAPOPORT (2001, p.06).

Esta mesma autora em uma pesquisa realizada com Piccinini (2001), apresentou respostas a partir de questionários realizados com educadoras acerca da adaptação de bebês e crianças pequenas. Neste estudo, elas mencionam que dentre os principais fatores que influenciam na adaptação, estão os fatores individuais do aluno (idade, temperamento), seguidos pelos fatores familiares e, por último as questões relacionadas à instituição escolar. Este último, menos mencionado, diz respeito ao planejamento diferenciado das educadoras durante o período de adaptação, assim como à qualidade do atendimento por parte destas profissionais.

Em outras palavras, caso a criança apresente dificuldades em adaptar-se, isto justifica-se não apenas devido ao despreparo do espaço educativo, mas sim por razões particulares do aluno e/ou de sua família. Confirmando ao que me referi anteriormente a partir de Reis, onde a inserção mobiliza uma co-responsabilidade, ao contrário da adaptação que coloca o aluno como “difícil de adaptar-se”.

A inserção à escola apresenta para a criança inúmeras situações potencialmente estressantes, com as quais ela vai lidar utilizando-se de estratégias de enfrentamento. Entre estas situações destaca-se a despedida dos familiares, o ambiente novo, as relações estabelecidas com os educadores e seus pares, as novas rotinas instituídas, a necessidade de compartilhar brinquedos, de dividir as atenções, as refeições coletivas e o sono com horários preestabelecidos. Contudo, quanto mais a criança já tenha vivido no ambiente familiar, experiências

diversificadas de cuidado, estar com outros adultos além dos pais, comer em outros espaços, brincar com crianças diferentes em praças, mais fácil será sentir-se à vontade neste novo espaço.

Machado (1991), em um estudo exploratório, permitiu algumas considerações junto a um programa desenvolvido com crianças iniciantes no ciclo básico e algumas características comportamentais das mesmas nesta fase de transição, visando a facilitação da ambientação das crianças à escola. Constatou-se que grande parte dos alunos já possuía experiência escolar anterior, sendo que a frequência a pré-escola parecia realmente facilitar a ambientação da criança a novas situações semelhantes, pois mesmo não sendo a presente escola o local já freqüentado, aquelas que já haviam vivenciado situações parecidas mostraram em maior proporção, comportamentos mais adaptados. E, acrescenta que

“Levando em conta que um fator que pode estar relacionado à facilitação de ajustamento escolar é a experiência escolar anterior das crianças, pois estas já passaram por experiências que permitiram o domínio de situações como: separação dos pais, aceitação da autoridade, encontro com novos companheiros, facilidade na compreensão das ordens e realização das tarefas...”
MACHADO (1991, p. 21).

Entrando nas questões pertinentes à instituição e ao educador, devemos considerar que o processo de inserção das crianças na escola tem vida, ele se move de acordo com o sentimento e as percepções das pessoas nele envolvidas. O que toca, o que encanta, o que prende a atenção da criança é a descoberta que fará o educador no contato com ela. Já este contato que é dinâmico, se dá através do olhar, do toque, do tom de voz, da brincadeira, da confiança, da afetividade e de uma prática consistente e coerente frente a situações desafiadoras. Participar deste processo é estar implicado nele, é contagiar-se com a emoção que a interação com a criança proporciona, é permitir-se. Portanto, o papel do professor está além de fazer um aluno parar de chorar ou fazê-lo socializar-se com os demais colegas, mas sim realmente inseri-lo naquele novo universo, fazendo-o sentir-se seguro em estar ali, longe de sua primeira referência – os pais e sua casa.

A organização do ambiente escolar, a preparação dos profissionais que lidarão com os alunos novos e a relação de confiança estabelecida com os

familiares são fundamentais para que a efetivação do ingresso à vida escolar seja um momento positivo nos aspectos enfocados. O planejamento, desde o conhecer dessa criança, através de conversas com as famílias, a organização de atividades e do próprio espaço pelo qual a criança vai se inserir merece cuidado. Para que esta transição seja significativa para todos, é necessário que a instituição escolar fundamente-se teoricamente acerca do assunto e organize-se para receber as novas crianças, sabendo que junto a elas receberá também seus pais e responsáveis. O professor nesta situação será o principal mediador e quem atenderá as expectativas dos pais, ganhar a confiança das crianças e ainda, conduzir esse processo, sem esquecer de trabalhar seus próprios sentimentos, frustrações e inseguranças.

Em relação às crianças, os educadores agem no sentido de promover um distanciamento gradual do objeto de apego, ou seja, a família ou a casa. Assim como, favorecer o estabelecimento de relações com os colegas, permitindo a exploração do ambiente, incentivando a curiosidade pelos materiais, jogos e brinquedos disponíveis. É preciso mostrar para as crianças o quanto o ambiente escolar pode ser tão ou mais interessante que o doméstico. Em relação aos pais, os educadores deveriam mantê-los informados a respeito da metodologia pedagógica da instituição com o intuito de tranquilizá-los. Sem esquecer de possibilitar um relacionamento de colaboração e não de rivalidade com os professores, mostrando que não iremos substituí-los, nem tampouco ocupar o lugar deles.

Outros estudos apontam modelos destinados ao processo de adaptação. Entre estes, Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000), os quais apresentaram uma pesquisa utilizada para investigar a integração do bebê, de sua família e da educadora durante o processo de adaptação em creches. Este modelo propõe uma rede de significações, de configuração semiótica, para compreender o desenvolvimento humano. Nesta rede aparecem os componentes individuais dos participantes diretamente no processo (a mãe, o bebê e a educadora), os campos interativos que podem ou não ser estabelecidos entre eles, os cenários (familiar e educacional) e a matriz sócio-histórica (elementos culturais, econômicos, políticos, ideológicos). Em outra pesquisa realizada pelas mesmas autoras, a rede de significações também foi considerada da seguinte forma

“Esse trabalho exigiu do grupo uma busca por paradigmas mais adequados à análise do complexo conjunto de elementos de ordem pessoal, relacional e contextual, que interagem no processo de desenvolvimento dos bebês, de seus familiares e das educadoras, desde o ingresso na creche e ao longo de todo o período de frequência, uma vez que tal processo se mostrava marcado por interações cheias de contradições, conflitos e confrontos.”
ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, SOARES-SILVA e RAMOS DE OLIVEIRA (2008, p. 03).

Tais teóricas criaram uma espécie de metáfora de “rede”, baseada na ideia de relações, de entrelaçamento, na multiplicidade de fios de interligação em combinações pluridimensionais. Esta “rede” vem sendo usada em diferentes áreas do conhecimento, mais especificamente nas noções de sistema e de complexidade. Portanto, ao analisarmos os objetos de investigação, utilizando de procedimentos de registro de dados, esta perspectiva teórico-metodológica denominada Rede de Significações dará conta dos diferentes conceitos abordados teoricamente e, conseqüentemente das questões metodológicas que se baseiam uma pesquisa, integrando uma visão dialética e discursiva.

Portanto, o termo adaptação/inserção das crianças na Educação Infantil vem sendo tratado do ponto de vista teórico com atenção por diferentes pesquisadores, bem como as escolas cada vez mais demandam cuidado a este momento, antecipando e planejando o acolhimento destes/as novos/as alunos/as. Porém, nos estudos investigados, a voz destes sujeitos crianças não tem sido escutada. Na bibliografia contemplada, a voz das crianças sobre sua experiência de inserção na escola, não tem sido escutada ou considerada. Por tal razão, neste trabalho vamos nos ater em escutar estas vozes.

2. Adaptação sob o ponto de vista das crianças

Início minha escrita afirmando o quanto é fundamental conhecer a criança para entender a sociedade, segundo Müller (2006). Logo, elas são as melhores fontes para entendermos a infância e suas concepções. E, em se tratando da inserção escolar, ninguém melhor para comentar e discutir o assunto do que as próprias crianças, envolvidas de alguma forma neste processo.

A respeito das pesquisas já realizadas as quais envolvem crianças, Demartini (2002) traz a ideia de que os relatos infantis envolvem memória e ao ouvi-las devemos considerar suas falas, estabelecendo um certo grau de respeito. Assim, é inegável a importância de “saber” escutar tais relatos. Escutar as crianças na perspectiva desta autora, significa entender que, mesmo após pouco tempo de vida e de experiência, já existe uma construção de algum tipo de identidade, com uma memória construída.

Desta forma, os alunos e alunas, enquanto participantes e protagonistas na escola e em outras instituições, conseguem ressignificar determinadas situações a partir de um olhar diferenciado do adulto. Ou como diz Müller (2006), é no ofício de ser aluno/a que a criança consegue ressignificar, uma vez que é ilusão pensar que se pode controlar todas as manifestações infantis.

Sobre esta escuta, Rocha (2008), busca confrontar diferentes pontos de vista, justificando a importância de conhecermos outro que não aquele pertencente ao mundo dos adultos. Portanto, ver e analisar o mundo social de um âmbito diferenciado, justifica e, ao mesmo tempo, reconhece a competência do universo infantil.

2.1 O local da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma escola particular da cidade de Porto Alegre, localizada no bairro Higienópolis. Esta instituição atende crianças de Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, funcionando em ambos os turnos, atingindo um público de classe média alta.

A escola em questão foi fundada há 31 anos e desde então vem ampliando e

propagando seus ideais educacionais utilizando uma proposta didático-pedagógica baseada em princípios éticos, incentivando a autonomia do aluno, respeitando sua subjetividade e acreditando na construção do conhecimento a partir da relação entre os sujeitos-educandos e o meio. Além disso, seus eixos principais fundamentam-se na natureza, na alimentação saudável e na sustentabilidade, onde todos compartilhamos e nos conectamos ao planeta.

Mesmo incluindo uma parcela considerável de alunos/as novos/as a todo momento, os objetivos didático-pedagógicos e as propostas metodológicas referentes ao projeto político da escola, se mantêm e permanecem como prioridade. É sabido que, mudanças e alterações vêm sendo realizadas com o intuito de tornar esta entrada das crianças o mais prazerosa possível. Contudo, visualizamos, na maior parte das vezes, um movimento maior de transformação e adequação por parte da criança. Sendo que, os Projetos de Estudos realizados pelos grupos em questão, acontecem concomitantemente com estas “adaptações”, onde a criança que ingressa na turma, necessita participar das atividades a fim de sentir-se pertencente ao meio.

Vale salientar que trabalho nesta instituição há mais de dois anos. Primeiramente, como auxiliar de turma e, a seguir, como professora titular, em ambas as situações dentro da Educação Infantil. Deste modo, tal fato me impulsionou a escolher a mesma para a realização deste estudo, tanto por acreditar e confiar nas suas concepções a respeito da temática escolhida, neste caso a inserção escolar, quanto pela facilidade no acesso à amostra.

2.2 As turmas escolhidas

Realizar estudos com crianças torna-se difícil na medida em que seus relatos nem sempre atendem ao esperado pela objetividade das questões de pesquisa, tanto na clareza quanto na linearidade. A dificuldade de expressão, entendimento e/ou compreensão de modo peculiar ocorrem não somente das crianças pequenas mas, principalmente, pela ausência de tradutibilidade dos adultos para compreender as respostas obtidas. Como a linguagem e a memória das crianças estão se constituindo ao longo do seu desenvolvimento, e tal exercício exigirá a memória,

preferi optar por turmas com alunos maiores, com 5 e 6 anos de idade, ou seja, pertencentes ao último ano da Educação Infantil. Uma vez que, estes teriam mais experiências e maior capacidade de descrever suas ações e sentimentos.

Na escola em questão, existem duas turmas com esta determinada faixa etária. Uma turma pela manhã, denominada GBC e, outra à tarde, chamada G5. Na primeira, encontram-se 23 alunos, contudo somente 9 possuem entre 5 e 6 anos de idade, os demais são menores, sendo esta turma caracterizada como multidades. Na segunda, o grupo tem 15 alunos, todos desta faixa etária. No entanto, devido ao curto espaço de tempo para esta pesquisa, não foi possível entrevistar a todos.

2.3 Os sujeitos-crianças

A partir disto, optei por grupos menores, de cinco alunos somente, dentro de cada turma. A escolha destes alunos se deu considerando alguns critérios, tais como: tempo de permanência na instituição, filiação (possuir irmã ou irmão menor) ou desenvoltura ao falar e comunicar-se. A respeito do primeiro critério: tempo, penso que aqueles que estão há mais tempo na escola apresentam maior experiência para dissertar acerca do assunto. Já em relação à filiação, as crianças que têm irmãos e/ou irmãs possuem, além das suas próprias experiências, a vivência destes familiares tão próximos acerca da inserção escolar, no caso de já ter ocorrido. E, sobre a comunicação, por se tratar de uma pesquisa baseada somente em relatos orais, tornou-se necessário incluir sujeitos que demonstram gostar de falar, os quais são desinibidos e mais expressivos. Apesar de já conhecê-los, uma vez que a escola não é grande, precisei da ajuda das professoras na indicação dos mesmos, não sendo obrigatório apresentar os três critérios, mas ao menos um deles ou mais de um. Os sujeitos da pesquisa não seguiram nenhum critério de gênero, incluindo tanto meninos quanto meninas nas entrevistas.

Além destes grupos, no qual estão os/as alunos/as que não encontram-se em processo de adaptação, outras crianças foram incluídas no estudo. Estas necessitariam, como critério, ter ingressado na escola este ano, a fim de poderem relatar sua inserção e, conseqüentemente, sua adaptação escolar. Neste caso, dois alunos, do sexo masculino, se encaixaram no perfil, um de cada turma.

2.4 Os encontros e os/as alunos/as

Como já citado anteriormente, trabalho nesta instituição há mais de dois anos e, por tal razão, conheço a maioria das crianças incluídas no estudo. Contudo, aqueles que ingressaram na escola este ano, possuíam um menor contato e, portanto considerei importante visitar ambas as turmas, a fim de conhecê-los anteriormente à entrevista. Escolhi dois momentos, um para cada grupo, para me aproximar deles, permanecendo poucas horas em convívio enquanto decorria suas rotinas habituais. A partir destes, após ser apresentada, combinei com as professoras e alunos/as como seria feito, tanto a conversa quanto a entrevista.

Como mencionado previamente, os alunos/as dos grupos menores, necessitariam estar na escola há algum tempo, a fim de relatar a respeito do assunto levantado. Mas, além destas 10 crianças, incluídas nos 2 grupos menores pertencentes às turmas da manhã e tarde, estão também os alunos novos. Estes foram entrevistados, separadamente, dos demais, com o intuito de não influenciar nas respostas obtidas em ambas situações.

Sendo assim, o estudo dividiu-se em dois momentos distintos, porém relacionados. Um incluindo uma conversa informal – roda de conversa - pois seria complicado realizar uma entrevista coletiva com cinco crianças ao mesmo tempo, lembrando que esta conversa ocorreu em duas turmas. No outro momento, a conversa poderia se caracterizar por uma entrevista, já que em cada uma das turmas, somente dois alunos estão há menos tempo na instituição. Portanto, realizei duas entrevistas individuais e duas rodas de conversa.

Grupo BC (manhã)	Grupo 5 (tarde)
5 Alunos – Roda de conversa	5 Alunos – Roda de conversa
1 Aluno Entrevista individual	1 Aluno Entrevista individual

O grupo da manhã contou com 4 meninas e 1 menino. As meninas: Camila - tem um irmão mais velho na escola; Gisele - está na escola desde o primeiro ano de idade; Valéria - muito falante e também está na escola desde o primeiro ano; Gabriela - tem uma irmã mais nova na escola e adora conversar. O menino: José

Henrique - frequenta a escola desde os dois anos de idade. No grupo da tarde, foram 3 meninos e 2 meninas. Os meninos: João Miguel - desinibido; Gustavo - tem irmão mais novo na escola; Fernando - estuda na escola desde os dois anos de idade. As meninas: Beatriz - tem irmã mais nova na escola; Leandro - falante e com irmão mais novo na escola.

GBC	G5
Camila (6 anos)	João Miguel (6 anos)
Gisele (6 anos)	Gustavo (5 anos)
Valéria (5 anos)	Fernando (5 anos)
Gabriela (6 anos)	Beatriz (5 anos)
José Henrique (5 anos)	Leandro (5 anos)

Já os meninos que foram entrevistados sozinhos, entraram no início deste ano na escola. Pela manhã Felipe e de tarde Vítor, ambos com cinco anos de idade. Já as demais crianças das rodas de conversa, tem entre 5 e 6 anos de idade. No total, a amostra contou com quatro crianças com seis anos e oito com cinco anos.

Tais relatos foram gravados, em vez de serem anotadas as informações obtidas no momento da coleta dos dados. O tempo de cada encontro não foi estipulado previamente, sendo permitida a oralidade de cada um dos participantes, a partir de um roteiro estabelecido pela pesquisadora, contendo tópicos importantes a serem debatidos.

2.5 Os assuntos abordados

Nas rodas de conversa, com os grupos de cinco crianças, nos dois turnos, os assuntos abordados foram:

- As lembranças de cada um a respeito da sua entrada na escola;
- Aspectos positivos e/ou negativos desta experiência;
- Lembrança dos demais colegas de turma, também em fase de inserção;
- Percepções acerca da entrada de novos colegas a cada ano;
- Impressões a respeito do novo colega que entrou este ano – neste caso – o aluno que também será entrevistado;

- Para aqueles que têm irmão ou irmã, como foi na sua opinião, esta inserção;
- Comentários feitos pelos pais em casa – fora do ambiente escolar – sobre o assunto, caso tenham ocorrido;
- Alguns sentimentos que possa descrever em se tratando da inserção escolar.

*Ressaltando que, ao longo das conversas, tais tópicos foram discutidos utilizando uma linguagem mais apropriada ao universo das crianças. Sem infantilizar o vocabulário, contudo facilitando a compreensão e exposição de ideias.

Para as entrevistas individuais, alguns tópicos se repetiram, outros não.

Estes foram:

- Relato da experiência de cada um a respeito da sua entrada na escola;
- Aspectos positivos e/ou negativos desta experiência;
- Comentários feitos pelos pais em casa – fora do ambiente escolar – sobre o assunto, caso tenham ocorrido;
- Alguns sentimentos que possa descrever em se tratando da inserção escolar;
- Percepções sobre os colegas em relação a sua entrada na turma – recepção.

A respeito das questões éticas as quais estão envolvidas em pesquisas, considere alguns aspectos. Primeiramente, os nomes das crianças estudadas aqui, são fictícios a fim de manter o anonimato das mesmas. Além disso, utilizei dois termos relacionados à ética, um direcionado à instituição pesquisada, onde esta permite que seu espaço seja investigado e analisado com fins acadêmicos. O outro termo foi destinado aos pais dos/as alunos/a incluídos nesta pesquisa, com o intuito de permitirem suas falas como conteúdo desta, autorizando a pesquisadora a utilizar destas informações para análise deste estudo e possíveis considerações. Ambos os termos estão no final do trabalho, citados como Apêndice 1 e 2, respectivamente.

3. A fala das crianças

Tendo em vista as entrevistas realizadas e as rodas de conversa com os/as alunos/as, duas categorias de análise foram elencadas:

- A primeira categoria diz respeito à própria adaptação das crianças – experiência vivida - da amostra, incluindo suas lembranças e memórias acerca de suas experiências. Além de suas vivências, os sentimentos e posturas diante dos novos colegas ao entrarem na escola e a percepção de alguns em se tratando da adaptação da/os irmã/os menores, também fazem parte do conteúdo analisado nesta categoria.
- Na segunda categoria, os sujeitos pesquisados comentaram e relataram suas impressões acerca da maneira como os colegas em adaptação sentem-se, agem e pensam ao entrarem na escola, acompanhado de suas atitudes diante destes. Alguns comportamentos e sentimentos dos sujeitos pesquisados também foram abordados.

3.1 Entre choros, medos e vergonha

Dos doze sujeitos da pesquisa, entre os entrevistados e os participantes das rodas de conversa, oito deles não souberam dizer como teria sido sua entrada na escola. Destes oito, sete crianças entraram há mais de 2 anos na instituição e, portanto segundo seus relatos, “*fazia muito tempo*” ou “*milhares de anos*” e por tal razão, não lembravam. As quatro crianças restantes tiveram respostas diferenciadas. O aluno Gustavo lembrava claramente como havia sido sua adaptação

“Quando eu entrei aqui na escola eu chorava porque eu não ficava com a minha mãe” Gustavo. 5 anos
--

Isto confirma o que Felipe (2001), relata ao mencionar que a criança quando entra na escola e se depara com um novo ambiente, precisa ser respeitada, tanto nas suas manifestações de medo quanto de ansiedade. E, a partir desta dificuldade

em inserir-se no universo de adultos e crianças com as quais não havia interagido ainda, além do distanciamento da família por longas horas, é imprescindível respeitar o ritmo de cada um.

Outro aluno, João Miguel (6 anos) referiu ter ficado “tímido e triste por não conhecer as pessoas e estar longe dos pais”, porém não chorava. Mahoney (1993), trouxe para o centro da ação pedagógica a criança e seus sentimentos, tornando-os ponto central para visualizar o aluno por outra perspectiva que não apenas a cognitiva. Ao trazer à tona seus sentimentos, o seu ser emocional, a criança consegue um desenvolvimento na direção de suas potencialidades, onde o sentimento vai ocupar sempre uma posição primordial, independentemente da faixa etária. Desta forma, a criança desenvolve-se psicologicamente, nutrindo das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia, os quais vão definir as possibilidades buscadas no ambiente que a cerca.

A aluna Gabriela (6 anos) respondeu que chorava, mas ao tentar lembrar daquela situação passou a criar uma história, dizendo que chorou por 5 dias e depois não chorou mais. Devido ao fato desta aluna ter entrado na escola há 4 anos, fica difícil aceitar que sua lembrança seja tão exata a ponto de citar os dias com tamanha precisão.

O último aluno a falar de sua própria adaptação foi Vítor, entrevistado individualmente justamente pelo fato de ter entrado na escola no início deste ano e, portanto com elementos mais claros e recentes a discorrer.

“Eles brincaram só com eles mesmo {...} eu ficava chateado. Ninguém queria brincar comigo. Ninguém falava. Fiquei sozinho na rampa {...} Só eu vi todo mundo brincar” Vítor.
5 anos

Ele disse não ter chorado, apesar de estar chateado e querer ficar mais tempo com sua mãe. Além disso, mesmo triste ele referiu estar feliz por ter entrado nessa escola e, agora “todos viraram amigos”. Nas suas palavras, demorou pouco tempo já que agora ele brinca com os colegas e tem amigos dentro do grupo. De acordo com Mondin (2005), a escola precisa possibilitar o “ser” e “fazer parte” da criança, oportunizando o crescimento e desenvolvimento do sujeito. Assim, é possível auxiliá-la na construção de sua própria identidade, pertencimento e

relacionamento entre os pares.

No que diz respeito aos irmãos menores e a adaptação deles, dos doze sujeitos da pesquisa, seis possuem irmã ou irmão mais novo. Destes seis, cinco concordaram nas percepções, afirmando que o choro ocorreu devido ao fato destes não conhecerem as pessoas da escola e também por estarem longe dos pais. Alguns acrescentaram que, o choro não era constante, “ela chora às vezes” e “chora mas parou”. Moraes, Otta e Scala (2001), afirmam que crianças de cinco anos já discriminam adequadamente as características comportamentais de outras crianças, nos domínios social e afetivo, podendo assim identificar os sentimentos envolvidos na adaptação dos irmãos menores, assim como dos seus pares.

Contudo, nenhuma das crianças participantes da pesquisa comentou ou citou seu papel em consolar o/a irmão/ã, apoiando na chegada e/ou indo até sua sala e/ou procurando sua companhia no momento de pátio. Esta “ausência de fala” pode se dar ao fato da pesquisadora não ter aprofundado muito o tema, ou quem sabe pelas crianças, muitas vezes, não terem consciência daquilo que o adulto está questionando ou simplesmente não mencionarem determinados assuntos, os quais permeiam seus pensamentos, por não considerarem relevantes.

3.2 Solidariedade e relações de amizade

Nesta categoria de análise apareceram muitas respostas diferentes, as quais se complementam. Quando perguntados sobre o que fazem com os colegas novos, a grande maioria das crianças respondeu que o sentimento envolvido na relação com algum colega novo é o de *felicidade* e/ou *alegria*. Os alunos e alunas que estão há mais tempo na escola disseram que ficam felizes por receber mais um colega na turma, uma vez que é “*legal ter mais um amigo*” e “*é mais divertido brincar com mais amigos*”. Muller (2008), aponta que quanto maior o tempo de permanência na escola, maior o saber sobre as regras de convívio, confirmando o entendimento e a compreensão destes alunos e alunas acerca da convivência no espaço escolar. Abaixo, algumas falas para ilustrar:

“É legal porque quanto mais pessoa fica mais divertido” Gisele. 6 anos

“No pátio eu queria brincar com eles” Camila. 6 anos

“Um colega novo é legal...porque eu gosto de conhecer pessoas” Gustavo. 5 anos

A partir de uma destas falas, que indica o pátio como local de socialização e integração, esta mesma autora refere que a noção de amizade surge com a ideia de atividades compartilhadas em espaços-tempos específicos da escola, como o pátio.

Em contrapartida, algumas crianças trouxeram outros sentimentos. Valéria e Leandro disseram sentir vergonha e/ou timidez ao conhecerem um colega novo.

“Não acho legal um colega novo porque eu fico tímido {...} mas eu queria brincar com ele” Leandro. 5 anos.

Já Fernando (5 anos) acrescentou que novos colegas deixam a turma com mais alunos e com mais barulho, por isso ele não gosta que entrem mais colegas.

Além disso, muitos mencionaram a necessidade de ajudar o colega que entra na turma, devido ao fato de não conhecer a escola e as pessoas. Assim como, a importância de manifestar afeto de alguma forma. La Taille (2006), complementa estes achados na pesquisa ao dizer que os atos generosos das crianças menores testemunham sua capacidade e vontade de levar em conta o ponto de vista alheio (descentração), abrindo caminho para as relações de reciprocidade. Sendo assim, a generosidade demonstrada pelas crianças em questão é de grande importância para o desenvolvimento moral de cada um, principalmente, em se tratando da justiça.

As falas a seguir ilustram este sentimento de solidariedade coletiva:

“Dá Oi e dá mão pra eles {...} Todo mundo que entra não conhece ninguém mas prefere brincar com alguém” Gabriela. 6 anos

“Colega novo não conhece a escola e precisa de ajuda” Gisele. 6 anos

Outra autora, Kebach (2007) traz esta mesma ideia acerca dos valores exercidos em grupo. Para ela, a reciprocidade entre os indivíduos e o respeito mútuo

são essenciais para a autonomia e reflexão crítica do sujeito, conduzindo a valores como a justiça e a solidariedade. Tognetta e Assis (2006), também trazem estas condutas como: tolerância, respeito, justiça, coragem, amizade e solidariedade. Indicando estas virtudes como necessárias à experiência humana da convivência, sendo a solidariedade a que demanda um caráter especial: o sair de si e contemplar o outro em sua condição, demandando um gesto de acolhida, de doar-se. Isto foi evidenciado nas conversas e apontamentos feitos pelas crianças desta amostra em se tratando dos gesto de acolhimento e construção de novos vínculos de amizade.

No que se refere aos afetos, Giacomoni, Souza e Hutz (2014), analisaram os sentimentos demonstrados nas respostas em sua pesquisa e apontaram a consistência desses achados, indicando que as crianças são capazes de identificar os afetos positivos e relacioná-los ao bem-estar subjetivo. Em outras palavras, os sujeitos desta pesquisa ao levantarem a necessidade e a importância de manifestar certo tipo de afeto aos colegas novos na turma, o fazem por terem a noção de que algum benefício estarão promovendo a eles e a si próprios. Abaixo duas falas para exemplificar:

“A gente ajuda o colega dando beijo...faz um desenho com coração para dar pro colega”
Valéria. 5 anos

“Eu abraçava eles e brincava com eles” Gabriela. 6 anos

Ao serem questionados sobre o que sentem e pensam os colegas novos ao entrarem na escola, a maioria foi unânime nas respostas. Praticamente todos os meninos e meninas das duas rodas de conversa disseram que estes têm vergonha pois não conhecem ninguém. Mas, apesar de não conhecerem o grupo, eles acreditam que as crianças em adaptação querem fazer amizade e mesmo demorando para acontecer, “no final eles brincam juntos”.

Morais, Otta e Scala (2001), vêm ao encontro destes relatos afirmando que nas relações que a criança estabelece com o grupo de companheiros estão em jogo habilidades essenciais como o revezamento de papéis e adoção da perspectiva do outro, assim como a possibilidade de experimentação do poder da criança no grupo, de estratégias para exercer esse poder e o exercício de mecanismos para obter

aceitação e para manter sua posição no grupo.

Para alguns dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa os colegas novos “não choram porque são maiores” ou “grandes”, isto ao refletirem durante a conversa a respeito do fato de um colega em adaptação chorar ou não. Segundo La Taille (2006), um dos fatores que leva uma criança pequena a desenvolver-se moralmente é sua capacidade e motivação em corresponder às expectativas singulares das pessoas de seu entorno. Portanto, pode-se pensar que ao se depararem com pessoas desconhecidas, aqueles que estão em processo de adaptação e aceitação no grupo, acabam por agir em detrimento das impressões causadas a fim de conseguirem inserir-se no mesmo.

Outra aluna referiu a postura da professora diante do aluno em adaptação:

“A professora ajuda o colega novo...ele fala primeiro que a gente” Gisele. 6 anos

Esta atenção por parte da educadora visualizada pela aluna pode ser baseada nas palavras de Veríssimo *et al* (2011) ao dizer que a criança quando vinculada a um adulto, organiza o seu comportamento de vinculação no espaço e no tempo em torno desse adulto, usando-o como base de segurança para explorar o meio e como porto de abrigo ao regressar. Então, esta referência da professora como adulto promotor de segurança, torna-se mais um elemento, além da solidariedade dos colegas, no êxito durante o processo de adaptação.

Considerando o total de respostas obtidas a partir da coleta de dados da pesquisa, é possível averiguar que, praticamente, todas as crianças envolvidas na amostra contribuíram com respostas em, pelo menos, uma das questões abordadas. Com exceção do aluno Felipe, pertencente ao grupo da manhã, cuja entrevista foi realizada individualmente, uma vez que ingressou à escola no início deste ano, que não conseguiu fornecer informações relativas ao tema principal deste estudo.

Durante sua entrevista, em vez de surgirem respostas pertinentes à sua adaptação, experiência escolar, vivências com os novos colegas e outras impressões; seu relato baseou-se no momento atual em que está vivendo: a separação dos pais. Portanto, não foi possível obter informações deste aluno que, encontra-se em uma situação emocional fragilizada e, percebi a necessidade no

instante em que conversávamos, de escutá-lo e de alguma maneira confortá-lo. Sendo assim, seu relato não foi considerado como resultado deste estudo, visto que não pude acrescentar suas percepções acerca da temática da adaptação escolar.

Contudo, acredito que estas alterações fazem parte de uma pesquisa, onde nem tudo que está previamente estabelecido é passível de acontecer. E como esta pesquisa refere-se à inserção escolar, não teria como ser diferente, sendo necessário a pesquisadora em questão *incluir-se* à situação que surgiu, ignorando os objetivos do estudo e possibilitando uma escuta atenta a este sujeito que precisava de afeto e não de questionamentos. Assim como, as crianças demonstraram solidariedade, este mesmo sentimento foi evidenciado pela pesquisadora.

Segundo Maturana e Rezepka (2000), é preciso permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si mesmos, de modo que possam atuar com liberdade. Isto implica que o olhar do professor(a) em sua relação com as crianças não deve dirigir-se ao resultado do processo educacional, mas ao acolhimento em sua legitimidade. Portanto, nas palavras destes autores, devemos pensar que o que nos move é a emoção e não a razão, inserindo aqui o amor e a educação dos valores, os quais não são somente ensinados, mas principalmente, vividos. Sendo assim, enquanto pesquisadora e educadora, dentro de um espaço educacional, foi preciso respeitar este sujeito, em sua legitimidade, liberdade e particularidade, mesmo com propósito de fazê-lo refletir, quem acabou por refletir fui eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, considero importante reafirmar e distinguir aqui os conceitos de *inserção* e *adaptação escolar*, sendo o último mais comumente conhecido e utilizado nas instituições de ensino. Penso que, a adaptação trata do processo de entrada da criança na escola e, da capacidade do aluno em adequar-se a este novo ambiente. Em contrapartida, inserção e/ou inclusão referem-se à mudança da escola frente ao aluno novo, além da própria transformação do sujeito educando diante deste meio, que lhe é desconhecido e desafiador. Acredito que, quando pensamos em inserção, a escola exerce um papel tão importante quanto a criança neste momento, em compensação na adaptação o aluno necessita pertencer a um lugar que já está dado a priori.

Portanto, após um levantamento bibliográfico e posterior saída a campo, acredito que a inserção escolar contemple de forma mais completa e correta, a entrada dos alunos nas instituições de ensino. Sendo este, o conceito que ocupa-se do papel dos educadores, da escola e, conseqüentemente das crianças enquanto partícipes do seu próprio processo de escolarização.

A escola que possibilitou esta pesquisa, frequentemente, aborda este assunto sob a ótica da adaptação escolar, com alunos e alunas ingressando desde a Educação Infantil até os Anos Iniciais. Como missão, busca atender as necessidades do grupo de alunos, compreender as singularidades de cada criança, entender e acolher os sentimentos das famílias, porém sem desconsiderar a sua visão em um contexto global.

Por tal razão, penso que nesta escola em específico, as crianças, de fato, adaptam-se em vez de serem inseridas no contexto. Tendo em vista os conceitos anteriormente citados, para que ocorra inclusão de alunos/as novos/as, é preciso que a modificação efetiva também ocorra por parte da instituição. Sabe-se que, possibilitar uma acolhida às singularidades de cada criança, sem perder os propósitos gerais de trabalho a ser feito em uma turma, é difícil e complexo. Porém, se os colegas mais antigos fossem envolvidos no processo e, até mesmo ouvidos, estas mudanças poderiam acontecer de forma mais tranquila.

O mesmo serve para os principais protagonistas: os/as alunos/as novos/as,

que caso tenham oportunidade de falar e manifestar acerca das suas impressões durante o momento de entrada na escola, ações mais específicas poderiam ser pensadas e refletidas para amenizar medos, angústias e inseguranças, como a participação mais efetiva dos/as colegas de aula, os quais já conhecem acerca da instituição, durante o ingresso. Desta forma, poderiam apresentá-la a partir do ponto de vista infantil, recebendo-os na entrada da escola e até mesmo trabalhando em pares ao longo das propostas pedagógicas. Ao tornarem-se “educadores” momentâneos, exercendo uma postura de responsabilidade pelo/a colega novo/a, poderiam ajudar e contribuir, acolhendo com afetividade e estabelecendo vínculos de amizade, facilitando a socialização.

Segundo Larrosa (2002), a palavra produz sentido, uma vez que tem poder. Elas determinam nosso pensamento e, sobretudo dão sentido ao que somos e ao que nos acontece. Portanto, de acordo com este autor, o modo como nos colocamos diante dos outros e como agimos em relação a tudo isso está implícito no uso das palavras. Assim, as palavras não ditas pelas crianças e aquelas que são ditas, fazem a diferença nas diversas situações as quais envolvem a Educação. Ouvir estas palavras, tanto das crianças inseridas quanto das que estão buscando uma integração, é nomear o que sentimos e vemos, significando as experiências. Sob este ponto de vista, fica evidente a importância de dar voz a todos envolvidos, não somente os adultos (pais e educadores), mas também aos pequenos. As rodas de conversa feitas nos grupos, possibilitariam espaço para ideias e sugestões dos/as alunos/as mais antigos, contemplando uma dimensão mais linear, onde crianças pensariam acerca dos iguais.

Neste estudo, as crianças ouvidas puderam falar de suas experiências dentro da temática da inserção escolar, a partir de diversos aspectos. Por ter captado tanto impressões quanto percepções de algumas crianças, pude considerar que para as mesmas o processo em pauta é comum, algo “normal”, mas que passa e se resolve em si mesmo. De uma maneira generalista, elas dissertaram acerca do assunto sem vislumbrar problemas ou sugerir grandes dificuldades, mesmo citando certos sentimentos como vergonha e timidez, abordaram a solidariedade como algo mais marcante e determinante.

Ao realizarmos uma comparação entre tais falas, obtidas a partir deste estudo

e os autores, os quais embasam o assunto abordado, é visível que muitos aspectos se repetem, entre estes: a vergonha que os/as alunos/as novos/as sentem ao entrar na escola, a tristeza por estarem distante da família e o choro como uma reação frente ao desconhecido. Contudo, a referência aos afetos e à solidariedade entre as crianças, não foram encontradas na bibliografia citada aqui quando se trata da inserção escolar.

Tais sentimentos abordados precisam ser compartilhados, entre todos, para não separar o universo adulto do infantil, aproximando ambos e servindo tanto de reflexão quanto de estratégias de acolhimento. Silveira e Abramowicz (2002), trazem esta ideia de não desqualificarmos as crianças pequenas, mas sim considerá-las enquanto pessoas que têm saberes, desejos e pensamentos próprios. Em um contexto social

“Se os adultos ouvissem as crianças ou prestassem atenção em suas ações, teriam alguns indícios sobre os possíveis caminhos para se construir uma Educação Infantil que favoreça as brincadeiras, as criações, o direito de expressar-se e de ser ouvido, enfim um lugar no qual as crianças pudessem ser mais felizes” (SILVEIRA ; ABRAMOWICZ, 2002, p. 67)

Em outras palavras, no campo das pesquisas com crianças pequenas, necessitamos manter um diálogo no sentido de conhecer o modo como elas vivem sua infância, e a representam. Nessa perspectiva, os projetos de trabalho deixam de ser direcionados para as crianças, para serem definidos em parceria com elas. Para tanto, é preciso ouvi-las, não só como pesquisadora mas como educadora, buscando formas de orientação e conhecimento para ações educativas, estabelecendo relações com estes sujeitos sociais.

Realizar pesquisa com crianças é surpreendente, uma vez que me permitiu conhecer e aprender mais sobre suas concepções de infância, assim como o modo como estes pequenos seres humanos constroem e transformam o significado daquilo que os rodeia, além de suas relações estabelecidas com seus pares. Espero poder incentivar outros estudos, os quais contemplem a voz e a escuta de crianças pequenas, da mesma forma que me senti estimulada a fazê-lo novamente. Isto não somente pelo fato de ser fascinante oportunizá-las em sua expressão e representatividade, mas também dado a relevância de realizarmos outras investigações acerca da Educação Infantil incluindo estes sujeitos, as crianças

REFERÊNCIAS

DEMARTINI, Zeila de Brito F. Infância, Pesquisa e Relatos Orais. In: FARIA, Ana Lúcia G. de; DEMARTINI, Zeila de Brito F.; PRADO, Patricia Dias (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FELIPE, Jane. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis E. P. da Silva (orgs.). **Educação infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

GIACOMONI, Cláudia H.; SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Cláudio S. **O conceito de felicidade em crianças**. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 19, n. 1, p. 143-153, jan./abril 2014.

KEBACH, Patricia Fernanda Carmem. O professor construtivista: um pesquisador em ação. In: BECKER, Fernando e MARQUES, Tânia. **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LA TAILLE, Yves de. **A Importância da Generosidade no Início da Gênese da moralidade da criança**. Universidade de São Paulo. Psicologia: Reflexão e crítica. 2006.

MACHADO, Vera Lúcia Sobral. **Ambientação à escola; atuação junto a um grupo de crianças iniciando o ciclo básico**. São Paulo, 1999.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista**. São Paulo. Temas e Psicologia. N°3. 1993.

MATURANA, Humerto e REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONDIN, Elza Maria Canhetti. **Interações afetivas na família e na pré-escola**. Estudos de Psicologia: 2005, 10(1), p.131-138.

MORAIS, Maria de Lima S; OTTA, Emma; SCALA, Cristiana. **Status Sociométrico e Avaliação de Características Comportamentais: Um Estudo de Competência Social em Pré-Escolares**. Universidade de São Paulo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001, 14(1), pp.119-131.

MÜLLER, Fernanda. **Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência**. Educ. Soc. , Campinas, vol. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2008. 213p.

RAPOPORT, Andrea e PICCININI, César A. **Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jan-abr 2001. Vol.17. n1 pp. 69-78.

RAPOPORT, Andrea e PICCININI, César A. **O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001, 14(1), pp. 81-95.

REDA, Maysaa Ghassan e UJIIE, Nájela Tavares. **A Educação Infantil e o processo de adaptação: As concepções de educadoras da infância.** IX Congresso Nacional de Educação, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009.

REIS, Lucilaine Maria da Silva. **Inserção e vivências cotidianas: como crianças pequenas experienciam sua entrada na Educação Infantil?** 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

ROCHA, Eloisa A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SOARES-SILVA, Ana Paula; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações.** Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 133, jan./abr. 2008.

SILVEIRA, Débora de Barros e ABRAMOWICZ, Anete. A pequenização de crianças de zero a seis anos: um estudo sobre a produção de uma prática pedagógica. In: MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; REALI, Aline Maria de Medeiros (Orgs.) **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola.** São Carlos: EdUFSCar/INEP, 2002, p. 52-71.

TOGNETTA, Luciene Regina P. e ASSIS, Orly Zucatto M. **A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.1, p. 49-66, jan./abr. 2006.

APÊNDICE 1

Termo de Concordância da Instituição

Estou realizando uma pesquisa que tem como objetivo averiguar a percepção das crianças acerca da adaptação escolar. Para tanto, venho solicitar autorização para realizar esta pesquisa nesta instituição. Um termo de consentimento livre e esclarecido será entregue para cada participante.

A coleta de dados será feita através de rodas de conversa com 12 crianças, do sexo masculino e feminino, com idade entre 5 e anos. A coleta será realizada pela própria pesquisadora, em diferentes momentos para não interferir na rotina escolar. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para manter o sigilo e a confidencialidade das informações obtidas, preservando a identidade dos participantes bem como da instituição em questão. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios de ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante. Todo material desta pesquisa ficará sob a responsabilidade da pesquisadora. Dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados aos familiares. Será realizado um retorno dos resultados, de forma coletiva, à instituição.

A partir deste estudo, pretendo contribuir com as noções acerca da adaptação escolar e suas relações entre os alunos e o meio escolar.

Agradeço a colaboração dessa instituição pela viabilidade deste estudo e coloco-me a disposição para outros esclarecimentos.

Nome da Pesquisadora

Nome da Instituição

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do/a Diretor/a

Data

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: Adaptação escolar: uma Pesquisa com crianças

Coordenação: Karina Leitzke

1. Natureza da Pesquisa: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar acerca da temática da adaptação escolar junto a crianças da Educação Infantil.
2. Participantes da Pesquisa: Participarão desta pesquisa em torno de 12 crianças entre 5 e 6 anos de idade, alunos/as desta escola do turno da manhã e tarde.
3. Envolvimento na Pesquisa: Ao participar desta Pesquisa seu filho (a) junto com outros colegas de grupo, farão parte de uma roda de conversa, onde algumas perguntas sobre o tema da adaptação escolar serão feitas. Esta conversa não será extensa, portanto não irá acarretar prejuízo algum na rotina de aula. Você tem a liberdade de se recusar a autorizar seu filho (a) a participar. Assim como, os/as alunos podem desistir de permanecer na conversa, a qualquer momento que desejarem. No entanto, solicito sua colaboração a fim de obter os resultados para esta Pesquisa.
4. Riscos e desconfortos: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.
5. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Uma vez que, nos interessam aspectos coletivos e não particularidades de cada criança.
6. Considerações: Este estudo não trará benefício direto para seu filho (a), no entanto futuramente servirá para outras crianças. Não há qualquer espécie de pagamento, taxa ou remuneração por participar desta.

Em caso afirmativo, peço que preencha os itens a seguir.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima representados, eu de forma livre e esclarecida, autorizo meu filho (a) a participar desta pesquisa.

Nome da criança

Nome do Responsável

Data

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora